

Educar para a e na alteridade: uma aproximação no pensar educação

Ketlin Braatz¹, Antonio Jose Muller²

Resumo

Este artigo propõe uma conexão do entendimento de alteridade por Emmanuel Lévinas com o pensamento de Paulo Freire. Parte de uma reflexão decorrente da disciplina Paulo Freire oferecida em um curso de mestrado em educação. O objetivo é problematizar as ideias dos autores Lévinas e Freire na percepção de alteridade como ponto relevante para a educação. Dialogar sobre alteridade a partir dos estudos desenvolvidos em uma interlocução entre os dois pensadores reforça a importância de versar sobre o que é alteridade, como é vista e sentida em sala de aula, com especial ressonância a uma educação humanizadora.

Palavras-chave

Educação. Alteridade. Outro.

¹ Mestra em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, Brasil, bolsista CAPES; membro do Grupo de Pesquisa Saberes de Si. E-mail: kbraatz26@gmail.com.

² Doutor em Educação (Liderança e Administração Educacional) pela Universidade do Texas, Estados Unidos; professor titular da Fundação Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, Brasil; membro do Grupo de Pesquisa em Filosofia e Educação (EDUCOGITANS). E-mail: ajmuller@furb.br.

Educating for and in alterity: an approximation in thinking about education

Ketlin Braatz³, Antonio Jose Muller⁴

Abstract

This article proposes a connection between Emmanuel Lévinas' understanding of alterity and Paulo Freire's ideas. It starts from a reflection resulting from the Paulo Freire discipline offered in a master's degree in education. The objective is to problematize the ideas of the authors Lévinas and Freire in the perception of alterity as a relevant point for education. Dialoguing about alterity based in the studies developed in a dialogue between the two thinkers reinforces the importance of talking about what alterity is, how it is seen and felt in the classroom, with special resonance to a humanizing education.

Keywords

Education. Alterity. Other.

³ Master in Education, Blumenau Regional University Foundation, State of Santa Catarina, Brazil; member of the Saberes de Si Research Group. E-mail: kbraatz26@gmail.com.

⁴ PhD in Education (Educational Leadership and Administration), University of Texas, United States; full professor at the Blumenau Regional University Foundation, State of Santa Catarina, Brazil; member of the Research Group on Philosophy and Education (EDUCOGITANS). E-mail: ajmuller@furb.br.

Introdução

As instituições escolares estão permeadas com diferentes indivíduos, que têm crenças, vontades, saberes diferentes uns dos outros. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de estabelecer uma relação igualitária com o outro/diferente que frequenta e habita todos os espaços escolares. Segundo Freire (2007, p. 27), “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”. As ações que o ser humano produz refletem a sociedade em que vivemos, por isso devemos estabelecer uma reflexão permanente de quem são as pessoas que estão dentro dos espaços da sala de aula.

Ainda temos muitas dúvidas sobre o processo de educação, apesar de Paulo Freire ter mostrado possibilidades para o educar. Uma ação que vai além da reprodução de conceitos, sendo percebida por ele como construção de entendimento sobre o mundo. Sendo assim, o papel fundamental da educação é cuidar e educar em todas as etapas da educação, construindo uma sociedade mais humana e respeitosa, principalmente com o diferente.

Nesses últimos contextos vividos na sociedade, com a pandemia da Covid-19, percebemos que as instituições precisam estar preparadas para passar por crises, sem perder a essência de cuidar e educar o outro. Independente do formato das aulas – sejam elas presenciais, em locais preestabelecidos, ou em outros ambientes físicos, salas on-line, ensino a distância, entre tantos outros formatos que servem ou tentam servir à educação – faz-se necessário ter a percepção de que a educação precisa ser responsável compreender os diferentes atores da educação.

De acordo com o *Dicionário Paulo Freire*, “não existe a educação, mas as educações, ou seja, formas diferentes de os seres humanos partirem do que são para o que querem ser” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p. 150). Com isso, Freire apresenta diferentes conceitos de educação, sendo que uma foi nominada “bancária” por representar uma educação como depósito que aliena, domina e oprime. Já outro conceito, defendido por Freire, é a educação que chamou de “libertadora” por promover uma conscientização que liberta e humaniza.

Consciente, o homem manifesta necessidades para fazer, refletir, respeitar e ampliar os conhecimentos da própria natureza, impulsionando a educação. O homem cria vínculo interativo com as peculiares raízes do que vem a ser educação. “Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade” (FREIRE, 1996, p. 64).

O vislumbrar e o pensar a educação para uma sociedade mais justa e humana movem pesquisadores a realizarem inúmeras buscas, dando ênfase aos conceitos que estão a muitos anos sendo estudados, mas que na prática ainda há dificuldade para entender essas relações de alteridade, criticidade, dialógica, humana.

Os teóricos Paulo Freire e Emmanuel Lévinas são sensíveis ao encontro do homem com o outro. Ambos consideram essa relação dentro de uma mediação e interação que os auxiliam em sua construção social e individual, formas de pensar uma educação humanizadora. Sendo assim, os dois pensadores contribuem significativamente para a construção de uma sociedade mais respeitosa e crítica.

O objetivo deste artigo é problematizar as ideias dos autores Lévinas e Freire na percepção de alteridade como ponto relevante para a educação. Como objetivos específicos, estão: encontrar proximidades entre os dois autores, buscando compreender que a alteridade e a educação caminham juntas; e compreender a importância da alteridade na educação. Mesmo sendo pensadores que não dialogam juntos, suas ideias partem do princípio da relação humanitária em todos os aspectos. Lembrando que Lévinas é filósofo e não estudou a educação, mas as relações humanas.

As pesquisas em torno das temáticas entre Freire e Lévinas são escassas. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, não foram encontradas pesquisas envolvendo os dois autores. Para a busca, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Emmanuel Lévinas” e “Paulo Freire, “Emmanuel Lévinas e Paulo Freire”, “Lévinas e Freire”. Nesse sentido, observa-se uma carência nos estudos envolvendo os dois autores.

O artigo decorre de pesquisas dos autores deste artigo, a saber, “A presença da alteridade no contexto de uma escola pública de Blumenau-SC: uma análise a partir dos dizeres de educandos e educadoras” (2017)⁵, e “A concepção de alteridade em Emmanuel Lévinas relacionada com o conceito de diálogo em Paulo Freire” (2020)⁶. A metodologia utilizada foi de cunho exploratório com base nessas pesquisas, mas também foram utilizados livros e artigos, como *Pedagogia do Oprimido* (1994); *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (2006); *Humanismo do outro homem* (1993); e *Totalidade e infinito* (1980). As palavras-chave para a construção desse artigo são alteridade e educação, ambas identificadas nos manuscritos dos autores.

⁵ Pesquisa realizada no campo da alteridade e educação em Paulo Freire e Emmanuel Lévinas. Disponível em: https://bu.furb.br/docs/MO/2017/363469_1_1.pdf.

⁶ Pesquisa realizada no mestrado no campo da alteridade e educação em Paulo Freire e Emmanuel Lévinas. Disponível em: https://bu.furb.br/docs/DS/2020/367806_1_1.pdf.

Busca-se compreender a educação com o conceito alteridade que representa verdadeira simbiose responsabilizada pelo fazer pedagógico e educacional em que o ponto-chave é o humano e as suas relações. É nesse sentido que a alteridade se mostra fundamental para a educação, principalmente porque a educação é permeada pelas diferentes interações e relações dentro do contexto escolar. Compreender a alteridade passa pelo entendimento do conceito que, segundo o Dicionário de Filosofia, é “ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro” (ABBAGNANO, 2007, p. 35). Ao analisar esse conceito, observa-se o quão intrigante, complexa e íntima é para a educação essa relação.

A alteridade por Lévinas é apontada por uma visão diferenciada do pensamento de outros filósofos, o que proporcionou a ele a consideração de originalidade. Lévinas propõe considerar uma relação com o outro a partir de uma construção coletiva e cuidadosa. O indivíduo se constitui por meio do outro: há respeito e reciprocidade, não há o diferente, há o outro. A relação com outrem não se dá fora do mundo, mas põe em questão o próprio mundo em que se vive. A alteridade tem um papel importante na relação entre pessoas e compreensão do mundo em que interagimos. A alteridade precisa da presença e da relação de um Eu e o Outro. Lévinas aponta sempre a imprescindível importância do Outro, que vem antes do Eu, ou seja, é uma condição para o Eu existir. Nesse sentido, “para compreender o não-eu, é preciso encontrar um acesso através de uma entidade, através de uma essência abstrata que é e não é. Aí se dissolve a alteridade do Outro” (LÉVINAS, 1999, p. 204).

Nas instituições educacionais, a alteridade deveria estar presente em todas as relações. É crucial perceber que cada pessoa tem sua particularidade e, com ênfase, pode-se afirmar que ela é singular por carregar a carga de sua própria história, que é diferente da história de vida dos outros. São escolhas, vontades e desejos ímpares que permeiam passado, presente e futuro, o que faz toda a diferença, principalmente nas relações. Existe uma complexidade em viver com e na alteridade; são atitudes difíceis e um exercício diário.

Freire apresenta a compreensão dos processos sociais e da realidade de cada sujeito para transformar o mundo em que estamos inseridos, principalmente na questão de humanização, e afirma que “ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 79). O homem, na troca com outro homem, conversa, dialoga. É então o diálogo uma troca de ideias que favorece a formação de novas ideias, mudanças e transformações. A capacidade de dialogar é uma característica do ser humano, enfatizando a importância do diálogo e do dialogar. Para esse educador, “o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados

pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (FREIRE, 1982, p. 43). Essa compreensão apresenta a importância do diálogo e a cooperação, construindo relações nas suas singularidades pessoais e nas suas identidades coletivas.

Discussão teórica: uma aproximação do pensar alteridade em Freire e Lévinas

A educação baseada em Paulo Freire requer pensar três conceitos importantes para a sua pedagogia, que isoladas ou separadas priorizam sempre o bem-estar do ser como essência. Freire expressa a educação como prática de liberdade, buscando a realidade social como ponto de partida para entender e transformar a sociedade. Expõe a conscientização como uma consciência de fato consciente, que parte da teoria do conhecimento do mundo no qual se vive, seus modos e formas de se perceber e identificar onde se está inserido, com criticidade política, criticidade à política, aos contextos sociais e da própria humanização. Elucida que só haverá uma transformação ao atingir uma conscientização do mundo com a educação, uma educação como prática de liberdade. Freire (2000) expõe o diálogo como imprescindível, ou seja, uma verdadeira prática para a alteridade, de escuta do outro. Expõe o diálogo, como fundamental para o conhecimento das diferentes realidades, o que inclui a realidade vivida de cada um no entendimento das singularidades a serem compreendidas e percebidas para que possa haver possibilidade de modificação: “a mudança do mundo implica a dialetização entre denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho” (FREIRE, 2000, p. 81).

A alteridade não necessariamente parte de Paulo Freire, porém percebe-se uma grande aproximação entre os discursos e as práticas dele com as atitudes de alteridade de Lévinas, para quem “a alteridade faz com que a relação com o Outro questiona-me, esvazia-me de mim mesmo e não cessa de esvaziar-me, descobrindo-me possibilidades sempre novas de olhar e entender o outro” (LÉVINAS, 1993, p. 56). Nessa perspectiva, a alteridade vai ao encontro, ao acolhimento do outro, potencializando diferenças e evoluindo juntos, tornando o ambiente mais democrático, justo e respeitoso.

A contemporaneidade traz como problemática as relações cada vez mais individualizadas e competitivas, que exclui o diferente, muitas vezes com violência, estereotipando um mundo dos iguais, ou seja, um “concreto egoísmo” na suspensão do outro no mundo (LÉVINAS, 1980, p. 26).

filosofias; isso é estar com os diferentes e fazer com que essas questões sejam respeitadas, “qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto da alegria, gosto da vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça” (FREIRE, 2006, p. 120). A educação deve ser esse caminho de viver e sair do contexto para enxergar o Outro como uma pessoa que também tem dificuldades, também tem que fazer escolhas, também vive, pois “ninguém é superior a ninguém” (FREIRE, 2006, p. 119).

Sabe-se que muitas crianças são inseridas desde muito pequenas no ambiente escolar, saindo de seus contextos familiares ou da zona de conforto para adentrar em um contexto com diferentes sujeitos. É na escola que se aprende a conviver com pessoas que não fazem parte do mesmo núcleo de convivência das relações familiares. Portanto, parece ser coerente que o ambiente escolar seja um local em que se tenha que ter o olhar para o Outro em relações de alteridade. Dessa forma, é essencial que as instituições estejam atentas e presentes a esse olhar sensível em relação ao Outro. De acordo com Freire (1982, p. 69), “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

Para compreender as relações com o Outro, principalmente na educação, é necessário que o educador esteja atento a todos/s que estão inseridos/as no contexto escolar, sobretudo para compreender e dialogarem entre si, percebendo dificuldades, problemas, potencialidades e especificidades de cada educando. Esse é o papel essencial de cada educador que está inserido na escola: conhecer e estabelecer uma relação de confiança e compreensão, fortalecendo as relações e intensificando as aprendizagens com diferentes realidades, transformando a educação em não apenas uma transmissão, mas uma relação de afeto com o Outro.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção. Quando entro numa sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser aprendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente vivido. (FREIRE, 2006, p. 47).

Dessa maneira, é preciso compreender que a educação não é transferência de conhecimento, mas um espaço de construção de saberes, relações éticas e políticas que transitam e pensam no coletivo. Quando se entende a educação como processo formativo, é essencial que as instituições desenvolvam propostas pedagógicas associadas à realidade dos educandos. O educador, o educando, a aprendizagem e as relações devem ser atitudes éticas de alteridade, principalmente para efetivar a aprendizagem de cada educando com sucesso, formando cidadãos críticos e humanos. Porém, sabemos que as instituições são permeadas por conflitos, mas é importante que esses conflitos sejam potencializados por serem importantes para o desenvolvimento humano, visto que é com base neles que refletimos sobre nossas crenças e valores. Relacionamo-nos com base em conflitos, mas com eles melhoramos ou não o pensar sobre o Outro e conhecemos as suas diferenças e suas vontades. Conforme Streck, Redin e Zitroski (2008, p. 171), “saber escutar requer que se aprenda a escutar o diferente” Nesse sentido, quando se desenvolve a alteridade, se fortalece o diálogo, tanto nos conflitos quanto nas diferentes relações.

O eu dialógico sabe que é exatamente o tu que o constitui. Sabe também que, constituído por um tu – não-eu –, esse tu que o constitui se constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu eu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu. (FREIRE, 1987, p. 165-166).

A linguagem se expressa de várias maneiras, tanto positivamente quanto negativamente. É por meio dela que se consegue enxergar os preconceitos, o respeito, o egoísmo, as vontades e os desejos. Por isso, é necessário desenvolver o diálogo na escola e ensinar nossos educandos a entenderem a importância da dialogicidade. Para Freire (1987, p. 78), esse diálogo

Não pode ser um diálogo de prescrição, que uma pessoa diz o que você tem que fazer e sim um diálogo autêntico, que reconhece o Outro e a si mesmo. O diálogo é o movimento de interação e conhecimento do Outro, temos que dar voz às falas dos educandos e de todos que circulam no espaço escolar. Para além de tudo, a responsabilidade maior dentro da escola é dos educadores, pois é deles que aprendemos e esperamos uma relação de Alteridade.

Nesse sentido, é necessário que a escola veja o educando como protagonista de suas ações. Sendo o educador o mediador do trabalho docente, além de dar vida para as falas e as

atitudes dos educandos e conhecer como eles se inserem no mundo e suas atitudes ante a sociedade, ele deve incentivar a criticidade e não o senso comum. Para ser significativa, a educação deve ser pensada a partir da individualidade e do contexto de vida dos educandos. “O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa realidade: é um ser em uma busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto reflexão, pode descobrir-se como ser inacabado, que está em constante busca (FREIRE, 2007, p. 27).

Vale também o educador repensar suas práticas pedagógicas e suas atitudes em relação aos educandos. Observa-se uma opressão permanente na escola nos mais diversos graus, sendo o mais forte a opressão do Estado. Reproduz-se um modelo educacional voltado para o mercado, transmitindo essa educação para os educadores e tornando o educando oprimido em vários sentidos.

Para os opressores, há um só direito – o seu direito de viverem em paz, ante o direito de sobreviverem, que talvez, nem sequer reconheçam, mas somente admitam aos oprimidos (FREIRE, 1987, p. 45). Viver em paz, com o objetivo principal que move a sociedade é o dinheiro e o lucro. Nesse caso, os oprimidos são como objetos, como quase “coisas”, não têm finalidades, a única finalidade imposta é a forma emocional e dependente que o regime opressor necessita, para fazer suas caridades, sendo reconhecidos como não opressor, mas pessoas que ajudam o próximo, e não são opressores (FREIRE, 1987).

A humanização é apenas sua. A dos outros, dos seus contrários, se apresenta como subversão. O direito a ser respeitado e humanizado é um privilegio só para quem é merecedor, mas quem é merecedor de ser humanizado se somos humanos? A questão fundamental é que na educação abrimos portas para a humanização, uma humanização de diálogo, respeito e alteridade (FREIRE, 1987). Na perspectiva de Lévinas, as relações são essenciais para a desconstrução de sociedades extremamente intolerantes, mas para isso é necessário estar aberto ao Outro, excluindo qualquer concepção de julgamentos, uma atitude difícil, mas extremamente importante quando falamos de educação.

Há um sujeito voltado para si mesmo que, segundo a fórmula estoica, é caracterizado pela tendência de persistir no seu ser [...], há um sujeito que se define assim pela inquietude de si – e que cumpre na felicidade o seu “para si mesmo” – opomos o Desejo do Outro que deriva de um ser já preenchido e independente, que não deseja para si. Necessidade daquele que já não tem necessidades – ele reconhece-se na necessidade de um Outro que Outrem, que nem é meu inimigo, nem meu complemento [...]. O Desejo de Outrem nasce num ser a quem nada falta ou, mais exatamente, ele nasce para além de tudo o que lhe pode faltar ou satisfazê-lo. Esse Desejo de Outrem, que é a

própria sociabilidade, não é uma simples relação com o ser em que, segundo as nossas fórmulas de partida, o Outro se converte em Mesmo. (LÉVINAS, 1999, p. 233-234).

As duas visões sobre o mundo encaixam-se perfeitamente na educação. Ao contrário de Paulo Freire, cujos postulados baseiam-se na educação, Lévinas não diretamente desenvolveu seus pensamentos na educação, mas foi alvo da falta de alteridade na vida, com sofrimento e guerra. Se Freire desejava uma educação mais humana, que tivesse o diálogo como base, Lévinas, por sua vez, desejava viver sua vida em paz, sem julgamentos e exclusão, por isso refletiu a alteridade, principalmente para desenvolver com o diferente.

A educação como base de alteridade

Discute-se que a educação deve ser humanizadora e que devemos formar cidadãos conscientes e respeitosos com o outro/diferente, mas como desenvolver esses conceitos na educação? Nesse sentido, a humanização deve ser um processo de construção coletiva, com base na alteridade e na formação da humanização. Ponderar sobre o que é ser humano, o que é humanidade e o que faz o homem humano. Questões que refletem antropologia, filosofia, biologia, entre outras ciências e crenças.

Ao se pensar a educação e a alteridade, tem-se como consequência que o indivíduo não está só, e que esse indivíduo é atingido, transborda, se insere e é acrescentado pelo contexto em que vive. Para isso, é necessário que a educação caminhe no sentido de compreensão do Outro, em sua totalidade, na compreensão e entendimento de quem é esse outro, como ponto chave do diálogo que move e dá sentido ao “modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens” (FREIRE, 2007, p. 30).

Streck, Redin e Zitkoski (2008) escrevem que Freire, na maioria dos seus escritos, demonstra preocupação em fundamentar uma antropologia que anuncie sua forma de ver a humanidade, a história e o mundo socioculturalmente construído pelos homens. Ainda, afirmam que Freire concebe que os homens estão vocacionados para serem mais, ou seja, verdadeira vocação para a humanização. “É por estarmos sendo assim que vimos nos vocacionando para a humanização e que temos na desumanização, fato na história, a distorção da vocação humana. Nem uma nem outra (humanização, ou desumanização), são destinos certos, dado, sina ou fato” (FREIRE, 1994, p. 99).

A palavra “humano” tem origem no latim *humanus* e designa o que é relativo ao homem como espécie; o homem como um ser da natureza que se distingue dos outros animais por agir com racionalidade e possuir grande capacidade e habilidade de manusear e criar utensílios e desenvolver conhecimento. Do ponto de vista filosófico, pondera-se que o ser humano é um ser vivo racional, capaz de ser uma unidade e uma totalidade ao mesmo tempo enquanto matéria, conseguindo por meio da racionalidade distinguir coisas e elaborar conceitos. O homem, como parte integrante de um ambiente social, um ser do mundo, tem o poder de transformar esse mundo a partir da sua consciência crítica da realidade. “O que somos e o modo como agimos são influenciados por um complexo biológico-cultural, no qual a biologia e a cultura influenciam-se mutuamente e compõem a natureza humana” (ALBUQUERQUE; MEDEIROS, 2013, p. 11).

A humanização parte do princípio fundamental da convivência com o outro, especialmente por saber ser o outro diferente de si mesmo. O ser humano é aquele indivíduo capaz de viver em sociabilidade com os demais e, sendo social, consegue conviver em sociedade e influenciar ou ser influenciado por determinado comportamento social, buscando pensar o ser humano como permanente de relações críticas e transformações.

O legado deixado por Freire reflete muito de sua vida em sua obra. Ele apresenta o homem e a sua humanização como princípio para uma reconstrução social, estabelecendo que os homens “são capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, de significantes testemunhos” (FREIRE, 2007, p. 51-52).

A humanização parte do princípio de que somos todos diferentes em todos os aspectos, porém vivemos socialmente. Por isso é importante respeitarmos cada pessoa que vive na sociedade.

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 2007, p. 114).

Cada vez mais estamos vivendo em um mundo em que os interesses individuais valem mais que o coletivo: “a tendência da globalização é subordinar todas as ações da sociedade aos interesses corporativos das grandes empresas transnacionais” (SANTOS, 2010, p. 3). Já

não se vê a coletividade em relação ao outro, mas uma concorrência contra o outro a todo momento.

A escola neoliberal designa certo modelo escolar que considera a educação como um bem essencialmente privado e cujo valor é, antes de tudo, econômico. Não é a sociedade que garante a todos os membros um direito à cultura, são os indivíduos que devem capitalizar recursos privados cujo rendimento futuro será garantido pela sociedade. Essa privatização é um fenômeno que afeta, tanto o sentido do saber, as instituições transmissoras dos valores e dos conhecimentos quanto às próprias relações sociais. (LAVAL, 2004, p. 11).

Nesse sentido, o valor humano está na aquisição de coisas e não na construção da relação com o outro. Vemos pessoas passando fome, sofrendo violências. Somos governados por pessoas que estão interessadas no lucro e no silenciamento do povo. O mais cruel é que a educação se torna instrumento o adestramento dos corpos – “adestrar” as “multidões confusas e inúteis de corpos” (FOUCAULT, 2009, p. 164), e a partir daí, fabricar indivíduos obedientes.

Preza-se a educação como algo fundamental na vida do ser humano, porém, a educação é moldada socialmente conforme o contexto em que a sociedade se modifica. Sendo assim, o modelo que está se concretizando socialmente é o neoliberal, já que, de certa forma, ele funciona. Por isso, é importante compreender a educação como responsável pelo outro, uma educação baseada na alteridade e nas relações de respeito, justiça e amorosidade. As diferenças são imensas dentro de uma sociedade, mas são essas diferenças que fazem a transformação social e individual de cada um. O diferente transforma, abre possibilidade e compreensão para conhecer o que não se conhece.

Considerações finais

A discussão sobre educação se faz cada vez mais necessária, principalmente pela atual conjuntura em que vivemos. Potencializamos um país baseado na competitividade, na opressão, na reprodução do conhecimento, com base no neoliberalismo. Entendemos ser importante dialogar sobre as práticas pedagógicas e pensar essas práticas com a inclusão de alteridade, já que é evidente que Freire e Lévinas dialogam sobre a vida com o outro/diferente para construir uma sociedade mais justa e humana.

As práticas de alteridade são exercícios diários e de atenção e olhar com o Outro, principalmente no campo da educação. Nesse sentido, a educação que se deve refletir é uma educação dialógica com o Outro a todo momento. Além de considerar que propostas pedagógicas são essenciais dentro das instituições escolares para viver em uma sociedade com menos violência, preconceito e julgamento.

Lembrando que a escola deveria ser esse espaço privilegiado, principalmente pelo fato de as pessoas estarem nele inserido por muitos anos e com muitas pessoas diferentes, que têm relações, vivências e experiências daquelas vivenciadas no núcleo familiar. A escola pode e deve ser uma potencializadora por apresentar diferenças e, com isso, a pessoa se transforma, conhece, aprende, erra, se desenvolve pelas relações. Temos que aprender a olhar para todos e certificar que todos sejam parte da sociedade e não sejam excluídos por suas diferenças.

A discussão entre esses dois autores é essencial para a educação e para quem faz parte dela, seja dentro ou fora da escola. A alteridade é possível, mas não é uma tarefa fácil, e precisa ser desenvolvida incansavelmente nos nossos pensamentos e atitudes.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALBUQUERQUE, U. P.; MEDEIROS, P. M. Introdução à etnobiologia de bases ecológicas e evolutivas. In: ALBUQUERQUE, U. P. **Etnobiologia: bases ecológicas e evolutivas**. Recife: NUPEEA, 2013. p. 11.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Tradução de Maria Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Planta, 2004.

LÉVINAS, E. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Tradução de Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

LÉVINAS, E. **Humanismo do outro homem**. Tradução de Pergentino S. Pivatto. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

LÉVINAS, E. **Totalidade e infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. **Revista de Geografia**, Recife, v. 27, n. 1, jan/mar. 2010.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Disponível em:
<https://www.centropaulofreire.com.br/arquivos/livros/Dicion%C3%A1rio%20Paulo%20Freire%20-%20Danilo%20R.%20Streck.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2021.

Submetido em 9 de outubro de 2021.

Aprovado em 31 de março de 2022.